

A Bunge e seu primeiro cinquentenário no Brasil (1905 a 1955): Os passos da construção de uma filial de um grupo econômico

Armando Dalla Costa¹
Gustavo Pereira da Silva²

Resumo

Este artigo tem como objetivo estudar os elementos que favoreceram o crescimento da Bunge no Brasil no seu primeiro cinquentenário, de 1905 a 1955. A questão chave a ser analisada é: como a Bunge, no contexto de uma economia de incipiente industrialização, transformou-se num grupo econômico? A firma será analisada a partir do conceito teórico de “grupos econômicos” (*business groups*). Tal discussão segue a compreensão desenvolvida por autores como Penrose, Schumpeter e Chandler, buscando complementar e atualizar as teorias para a análise de grandes corporações dos ‘países emergentes’. Os dados principais em relação à empresa foram pesquisados em fontes primárias junto ao Centro de Memória Bunge, em São Paulo. A evolução do contexto histórico-econômico do Brasil, assim como de seu processo industrial, foi buscada na tradicional literatura sobre o tema. Para compreender o histórico da firma e sua atuação no Brasil (Argentina, Peru e Uruguai), foram resgatados textos de historiadores da empresa. Procuramos demonstrar ao longo do artigo – num vislumbre de nossas conclusões – que o crescimento e a transformação da Bunge em um grupo econômico no Brasil se deram à medida que ela seguiu, na prática, os conceitos deste modelo teórico.

Bunge and its first fifty years in Brazil (from 1905 to 1955): Constructing a subsidiary of an economic group

Abstract

This article aims to study the elements that favored Bunge’s growth in Brazil in its first fifty years, from 1905 to 1955. The key question to be addressed is how Bunge managed to become a business group in the Brazilian context of incipient industrialization. The firm will be analyzed using the theoretical concept of business groups. The discussion follows the understandings of authors such as Penrose, Schumpeter and Chandler, targeting to complement and update the theories that focus on large corporations in 'emerging markets'. The main data regarding the company have been gathered on primary sources available at the Bunge Memory Center, in São Paulo. Traditional literature has been reviewed to assess the Brazilian historical and economic evolution as well as the country's industrialization process. In order to understand the firm’s history and its operations in Brazil (Argentina, Peru and Uruguay), we have recalled texts by business historians. We demonstrate throughout the article – in a glimpse of our conclusions – that Bunge’s growth and development into a business group in Brazil occurred inasmuch as the company made practical implementation of the concepts drawn from this theoretical model.

¹ Doutor em História Econômica pela Université de Paris III (Sorbonne Nouvelle) e Pós-Doutor pela Université de Picardie Jules Verne, Amiens. Professor Associado no Departamento de Economia e no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico da Universidade Federal do Paraná. ajdcosta@uol.com.br

² Doutor em História Econômica pelo Instituto de Economia da UNICAMP. Professor Adjunto no Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná. gustavopereira@ufpr.br

Palavras-Chave: Grupo Bunge; Bunge & Born, Moinho Santista, Sanbra, Samrig, Moinho Fluminense

Keywords: Bunge Group; Bunge & Born, Santista Mill, Sanbra, Samrig, Fluminense Mill.

1 Introdução

O objetivo deste artigo é estudar quais elementos favoreceram o crescimento da Bunge no seu primeiro cinquentenário no Brasil, entre 1905 e 1955 e que contribuíram para transformá-la num dos maiores grupos econômicos do país. Ao chegar, associando-se ao Moinho Santista, a Bunge já estava solidamente estabelecida em diversos países europeus, africanos, americanos e asiáticos. Atuava em diferentes setores: financeiro, industrial, comércio internacional, propriedades agrárias. Produzia (borracha, cacau), criava animais (bovinos) e financiava produtores rurais. Industrializava produtos (moinhos de trigo, fábricas de azeite). Estava implantado na Argentina desde 1880, onde era um dos maiores exportadores de grãos e derivados, como a farinha de trigo que fornecia para o Brasil.

A filial brasileira da companhia, de acordo com seu Relatório de Sustentabilidade (2012: 4), possui cerca de 150 unidades operacionais, entre fábricas, moinhos, silos, centros de distribuição e portos. Está instalada em 19 estados e no Distrito Federal e seus produtos chegam a 77% dos lares brasileiros em mais de 4,6 mil municípios. A companhia está organizada em quatro áreas de negócios: Açúcar & Bioenergia; Agronegócio & Logística; Alimentos & Ingredientes; Fertilizantes. Com mais de 20 mil funcionários atingiu, em 2012, uma receita bruta de R\$ 33,7 bilhões. Com este resultado, a filial brasileira representou 27% do faturamento total da Bunge mundial, o que demonstra a importância estratégica da operação brasileira.

Nos primeiros cinquenta anos de atividades da Bunge, o país também cresceu e mudou. Se, no início do século XX éramos uma nação recém saída da escravidão e com uma economia agrário-exportadora, em meados do século passávamos por um período de “industrialização através da substituição de importações” e começava um movimento de transferência da população do campo em direção às cidades.

A Bunge foi aproveitando as oportunidades deste crescimento e urbanização. De início cresceu no mesmo ramo de atividades, moinhos de trigo, aumentando a

capacidade de seu parque fabril, incorporando outros moinhos e ocupando o território nacional. Em seguida diversificou atividades para esmagamento de grãos e produção de óleo, exportação de grãos, produção de cimento, tecidos, fertilizantes. Divulgou suas marcas e produtos em propagandas de rádio e na incipiente televisão brasileira e consolidou sua presença nas comunidades locais através da Fundação Bunge.

Para atingir seu objetivo este texto está dividido em três partes, além da introdução. Inicia por uma revisão teórica dos principais autores que discutiram os elementos básicos que permitem compreender o crescimento das firmas e a formação de grupos econômicos, passa pela análise da atuação da Bunge no setor de moinhos de trigo, continua estudando sua trajetória de diversificação de produtos e ocupação do território nacional e, na parte final, apresenta as principais conclusões.

2 A construção teórica da discussão a respeito de business groups

O esforço intelectual no sentido de apreender a atuação das grandes empresas foi institucionalizado no mundo acadêmico norte-americano na década de 1920, quando a disciplina *história de empresas* passou a integrar os estudos da Graduate School of Business Administration da Universidade de Harvard³. Foi nesta universidade que, em 1932, passou a trabalhar Joseph Schumpeter, permanecendo por cerca de vinte anos. Seu aporte teórico (A teoria do desenvolvimento econômico, 1982: 43-66) realça o papel do empresário como inovador, agente responsável por promover e/ou aprimorar produtos ou processos e, fundamentalmente, torná-los viáveis ao mercado.

Nas décadas de 1920 a 1950, o debate da história empresarial em Harvard tinha nas bases lançadas por Schumpeter os parâmetros de análise. O foco recaía sobre o estudo dos empresários em perspectiva histórica, sua capacidade inovadora e a contribuição – ou não – destes agentes ao desenvolvimento econômico nacional (Barbero; Rocchi, 2004: 105)⁴.

³ Em 1926 foi criada a *Business Historical Society* (BHS) com o intuito de preservar os arquivos empresariais. No ano seguinte surgiu a primeira cátedra de história de empresas, sendo que, ainda em 1927, a BHS iniciou a publicação de um boletim que, a partir de 1954, transformou-se na *Business History Review*, atualmente o mais importante periódico norte-americano que aborda a história empresarial (Barbero, 1993: 7).

⁴ Para demais análises a respeito da literatura e teoria das empresas ver, entre outros, Penrose (1959); Marshall em *Industry and Trade*; custos de transação com Coase (1937); forma gerencial de Berle e Means (1932) (Feijó; Valente, 2004).

Já nos anos 1960 constituiu-se o principal marco teórico para posteriores análises a respeito da história de empresas nas diversas instituições norte-americanas e fora dos Estados Unidos. Um dos autores influentes foi Alfred Chandler⁵, cujos trabalhos foram influenciados pelos diálogos estabelecidos no Research Center in Entrepreneurial History (RCEH - Harvard University, 1948-1958), que mesclavam à história empresarial os debates da sociologia funcionalista, como os trabalhos de Talcott Parsons.

O método chandleriano de análise da história empresarial se calca em um processo indutivo: inicia pela reconstrução da trajetória das empresas tentando responder a algumas questões (o que, como, quando, onde e por quê?); uma análise comparativa desta trajetória com a de outras firmas e; a elaboração final de conceitos (Barbero; Rocchi, 2004: 106).

No campo da história de empresas, o paradigma chandleriano foi consolidando seu predomínio a partir da década de 1960, constituindo-se como síntese explicativa da ascensão das grandes empresas norte-americanas. Mas, pontos obscuros permaneciam neste modelo, em questões que foram deixadas de lado e/ou tiveram uma explanação insuficiente: o olhar pouco atento às relações entre Estado – e suas políticas econômicas – e empresas; o menor peso analítico às firmas médias e pequenas, além das empresas familiares; e, a proclamação do modelo estadunidense de firma como paradigmático da modernidade e eficiência, pressuposto criticado na academia europeia desde os anos 1960 (Toninelli, 1996: 25-46).

As críticas europeias ao paradigma chandleriano levaram os trabalhos de história de empresas elaborados na Europa a valorizar aspectos como: formação das elites empresarias; das redes familiares e sociais; das redes empresariais; compreendendo a firma como um ambiente no qual, e a partir do qual, são estabelecidas relações sociais. Ademais, foi enfatizada a importância das firmas familiares como modelo gerencial alternativo ao da grande empresa moderna chandleriana (Barbero; Rocchi, 2004: 107).

Ao mesmo tempo em que o atrelamento do modelo chandleriano como raiz explicativa do desenvolvimento das firmas estadunidenses não dava conta de circunstâncias

⁵ Chandler tem uma vasta produção bibliográfica, com destaque para sua trilogia: **Strategy and Structure** (1962), onde volta seu olhar para as mudanças administrativas realizadas nas grandes empresas norte-americanas nas décadas iniciais do século XX. **The Visible Hand** (1977) no qual define o que vem a ser *grande empresa moderna norte-americana*: detentora de várias unidades operacionais distintas e administrada por uma hierarquia de executivos assalariados de primeira e segunda linha. Em **Scale and Scope** (1990) faz um estudo de história comparada abordando o desenvolvimento industrial dos Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha baseando-se na análise das duzentas maiores empresas entre 1913-1973.

características ao processo similar na Europa, estas incongruências se acentuavam quando se tentava compreender a trajetória das grandes empresas dos países emergentes, principalmente no começo do século XXI. Para tanto, uma nova forma de compreensão das grandes empresas foi se revelando desde a década de 1970, mas com maior difusão e estudos a partir dos anos 1990: as empresas organizadas enquanto *grupos econômicos*⁶.

Segundo Colpan, Hikino e Lincoln (2010), os grupos econômicos se fizeram presentes como forma organizacional das empresas de economias hoje tidas como emergentes e, principalmente, no começo e decorrer do século XX, tendo um papel destacado no processo de industrialização de países como Brasil, Argentina, Chile, Coréia do Sul, China, Índia, México e outros⁷.

Da literatura a respeito do tema, destacamos algumas conceituações que nos ajudarão a compreender a experiência da Bunge no Brasil. Para Khanna e Yafeh (2007: 331)

Esses grupos normalmente são compostos de empresas juridicamente independentes, que operam em várias indústrias (muitas vezes não relacionadas), que são ligados entre si por persistentes laços formais (por exemplo, patrimônio) e informais (por exemplo, família).

Outros autores destacam a aliança principal que designa os grupos econômicos como uma forma de constelação legal de firmas independentes que cooperam para atingir os objetivos de longo prazo. A identificação das características dos grupos econômicos neste caso é que eles “loose coalitions of firms which have no legal status and in which no

⁶ Como síntese das recentes contribuições e debates sobre os *grupos econômicos* ver: Guillén, Mauro. “Business Groups in Emerging Economies: A Resource-based View”, em *The Academy of Management Journal*, vol.43, n.3, jun. 2000: 362-380. Granovetter, Mark. “Business Groups”, em Smelser, Neil y Swwedberg, Richard (eds.). *The Handbook of Economic Sociology*, Princeton University Press, Princeton, 2. ed, 2005: 429-450. Khanna, Tarun y Yafeh, Yishay. “Business Groups in Emerging Markets: Paragons or Parasites?”, em *Journal of Economic Literature*, vol. XLV, June 2007: 331-372. Fruin, Mark. “Business Groups and Interfirm Networks”, em Jones, Geoffrey y Zeitlin, Jonathan (eds.). *The Oxford Handbook of Business History*, Oxford University Press, Oxford, 2007: 244-267. Mork, Randall y Steier, Lloyd. “The Global History of Corporate Governance. An Introduction”, em Mork, Randall (ed.). *A History of Corporate Governance around the World. Family Business Groups to Professional Managers*, University of Chicago Press, Chicago, 2007. Colpan, Asli y Hikino, Takashi, “Foundations of Business Groups: Toward an Integrated Framework”, en Asli M. Colpan, Takashi Hikino and James R. Lincoln (eds.). *The Oxford Handbook of Business Groups*. Oxford University Press, Oxford, 2010.

⁷ Os grupos econômicos receberam diferentes nomenclaturas nos países emergentes: na Coréia do Sul são os *chaebols*; na Índia os *business houses*; na Turquia as *holding companies*; e, na América Latina, Brasil incluído, se consagrou o termo *grupos econômicos* (Kim; Kandemir; Cavusgil, 2004: 14).

single firm or individual holds controlling interests in the other firms” (Granovetter, 1995: 96)⁸.

Já para Leff (1978: 663), na sua clássica definição, “the business group is a multicompany firm which transacts in different markets but which does so under common entrepreneurial and financial control”.

3 A Bunge chega ao Brasil atuando na área de trigo e moinhos

A Bunge iniciou suas atividades em Amsterdam, em 1818 e teve uma longa história de internacionalização antes de chegar ao Brasil em 1905, associando-se ao Moinho Santista⁹. Em 1859 fez sua primeira mudança de sede, “transferindo-se para Antuérpia, na Bélgica e mantendo a filial de Amsterdam” (Green; Laurent, 1989: 19). Foi a partir desta nova sede que se desenvolveram as estratégias internacionais adotadas pelo grupo até por volta de 1930.

A economia do Brasil, na época da chegada da Bunge, baseava-se nas exportações de café e borracha¹⁰ e os milhares de imigrantes que chegavam para substituir a mão-de-obra escrava, mantiveram seus hábitos alimentares, dentre os quais o costume de consumir pão e massas, o que fez aumentar a demanda por farinha de trigo.

O Brasil da Primeira República (1889-1930) caracterizou-se por uma economia agrário-exportadora de commodities e produtos primários, com um fraco grau de industrialização. Em função disso, no ano de 1903 a produção nacional de farinha de trigo supria aproximadamente 50,9% do consumo total, cifra que aumentou para 57,5%

⁸ These loosely bound collections of enterprises are included in Granovetter’s definition of business groups as “sets of legally separate firms bound together in persistent formal and/or informal ways” (Granovetter, 2005: 429).

⁹ Para melhor conhecimento do histórico da empresa e sua internacionalização ver, entre outros: Green e Laurent (1989), Schvarzer (1989), Silva e Dalla Costa (2014).

¹⁰ O café se tornou o principal produto de exportação na década de 1830 e só perderia esse posto depois da metade do século XX. Entre 1901-1910, representava quase 53% do total exportado, tendo a borracha ocupado o segundo lugar com quase 26% das exportações (Singer, 2006: 387).

em 1909. A solução que restava era recorrer ao abastecimento junto aos fornecedores estrangeiros, com destaque para Estados Unidos e Argentina¹¹ (Suzigan, 2000: 207).

Foi por esta época que a Bunge, percebendo no Brasil um mercado promissor decidiu instalar-se no país, associando-se ao **Moinho Santista**. Seus documentos assim descrevem a chegada:

A Bunge chegou ao Brasil em 1905, associando-se à S.A. Moinho Santista Indústrias Gerais, empresa de compra e moagem de trigo estabelecida em Santos, São Paulo. As primeiras farinhas produzidas no Moinho de Santos foram a Sol, Santista e Paulista¹².

Entretanto, o Moinho Santista foi fundado antes da chegada do grupo. A *Acta da Assembleia Geral Constituinte da Sociedade Anonyma Moinho Santista* dá detalhes de como foi o início da empresa.

Aos trinta dias do mês de setembro de 1905, na sede provisória da “Sociedade Anonyma Moinho Santista”, à Rua Onze de Julho, n. 2, sobrado, presentes 16 senhores accionistas representando 1.000 acções, com 200 votos, como foi verificado no livro de presença, devendo constituir o capital da Sociedade Anonyma Moinho Santista a quantia de R\$ 1.000:000\$000, mil contos de réis, exibiu-se perante a reunião o certificado de depósito de dez por cento do capital em dinheiro, ou cem contos de réis depositados na agência em Santos do Banco Commercial Italiano de São Paulo, nesta data, bem como dois exemplares dos Estatutos, devidamente assinados por todos os subscriptores.

O moinho de trigo, de acordo com o mesmo documento, foi construído na “Rua Xavier da Silveira, 116, adquirido de Gaffre & Guinle, ou seja, da atual Companhia Docas de Santos que, no mesmo, nessa época, tinha a sua primitiva oficina mecânica”. As primeiras atividades eram constituídas de: “moinho de trigo, fábrica de misturas, fábrica de fermento, fábrica de sobremesas, exportação de farelo de trigo. O trigo era proveniente do Brasil, Argentina, Canadá, Uruguai, Bulgária e Estados Unidos” (S.A. Moinho Santista...: 4).

¹¹ Já nas vésperas da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os principais produtos de exportação da Argentina eram (em milhões de pesos de ouro): o trigo (78,1) e o milho (72,4), seguidos da carne bovina congelada e resfriada (54) (Glade, 2009: 32).

¹² Centro de Memória Bunge - CMB. Histórico do Grupo Bunge. São Paulo: CMB, 2013: 10.

A descrição das condições iniciais da planta industrial dá uma ideia do funcionamento das indústrias nacionais no início do século XX, como pode-se observar na análise do S.A. Moinho Santista (1907: 2). As primeiras máquinas do moinho foram importadas da Alemanha, da firma Amme Giesecke Koenegen, que depois mudou o nome para Miag. A capacidade de moagem diária do “Moinho A” era de 89 toneladas e a força motriz era gerada no próprio estabelecimento, por um gerador de 250 HP, usando como combustível hulha ou coque. O edifício era iluminado por lampiões de querosene, importados da Bélgica. Junto com o prédio do moinho foram construídos nove silos para armazenagem de trigo, que era transportado do cais por carroças com tração animal.

As farinhas eram classificadas de “primeira, segunda e terceira qualidade”, e o moinho lançou as marcas “Sol, Santista e Paulista”, respectivamente para atender a esta classificação. Como a demanda crescia, a sociedade aumentou seu capital para 2 mil contos de réis já em 1907. Além desta medida, na assembleia geral de 17 de outubro de 1908 “a sociedade transferiu sua sede de Santos para São Paulo, onde abriu seu primeiro escritório à Rua da Quitanda, 6, sobrado” (S.A. Moinho Santista...: 3).

O art. 1 dos Estatutos do Moinho Santista dá uma ideia da abrangência da sociedade ao descrever os objetivos da mesma, que eram: “a compra e a moagem de trigo e outros cereais nacionais e estrangeiros; a fabricação de massas e artigos congêneres; podendo participar na formação de indústrias similares; fazer aquisições, contratos de arrendamento; abrir filiais, tanto no país como no estrangeiro”.

Em relação à distribuição dos produtos, que atualmente chamaríamos de logística, destacavam-se três modais diferentes. O primeiro era rodoviário e, através dele, os clientes retiravam os produtos no moinho, movimentando de 90 a 120 caminhões por dia. O segundo era ferroviário, com o qual o moinho fazia o despacho das suas mercadorias aos clientes. Para atingir o objetivo, construiu um desvio ferroviário com capacidade para 35 vagões, com 7 carregamentos simultâneos. Por fim, os produtos da linha doméstica eram despachados do moinho via navegação de cabotagem, que os levava até Manaus, atendendo todos os clientes próximos ao litoral¹³.

¹³ Informações contidas no S.A. *Moinho santista. Indústrias Gerais*, p. 7. Pesquisa no Centro de Memória Bunge. São Paulo, setembro de 2014.

Como aconteceu anteriormente entre Antuérpia e Buenos Aires, a relação São Paulo-Buenos Aires era fundamental para a Bunge. Além disso, o Brasil não produzia em seu território todo o trigo necessário. Então o Moinho Santista contava com os serviços da Bunge & Born argentina no fornecimento, como pode-se observar pelo relato da ata da diretoria e conselho fiscal.

O director presidente José Puglisi Carbone comunica a sua chegada de Buenos Aires para onde havia partido para iniciar as relações de compra de trigo, tudo conforme resolução tomada na reunião última da diretoria e do conselho fiscal...¹⁴.

A associação inicial da Bunge no Moinho Santista fica evidente analisando-se a relação dos acionistas em 31 de dezembro de 1907. Na ocasião, Ernesto Bunge e Jorge Born apareciam na lista em quarto lugar entre os maiores acionistas, contando com 10% do capital.

Tabela 1 – Moinho Santista - Accionistas em 31 de dezembro de 1907

Ordem	Accionistas	Acções
1	Bento de Souza & Comp.	1.230
2	Nicola Puglisi Carbone	1.200
3	J. Puglisi Carbone	1.185
4	Ernesto Bunge & Jorge Born	1.000
5	Thomaz A. Alves Saraiva	750
	Sub-Total	5.364
6-41	Outros	4.635
	TOTAL	10.000

Fone: Elaboração própria a partir da Acta dos Accionistas. Dados do Diário Oficial 1244, de Sexta Feira, 14 de Fevereiro de 1908.

Na análise dos 41 acionistas algumas questões merecem destaque, como: i) a quantidade e velocidade de aumento dos investidores na firma. Na primeira assembleia, na ocasião da fundação, em 1905, havia 16 acionistas. Já em 1907, a firma contava com 41 acionistas; ii) a participação da família Puglisi, detentora de 33,85% das ações; iii) a presença de personalidades e/ou empresas destacadas, como o 22º maior acionista, José Martinelli, com 100 ações e o 24º, Francisco Matarazzo & Co., com 80 ações.

¹⁴ Extrato da *Acta da Sessão Conjuncta da Directoria e do Conselho Fiscal*. Santos, 21 de fevereiro de 1907. Pesquisa no Centro de Memória Bunge.

Em 1909 foi constituído o “Moinho B” com máquinas fornecidas pela mesma empresa alemã, Miag. Em 1913, para modernizar o parque industrial, foram instalados dois motores elétricos de 300 HP. No entanto, “com o crescimento da população da Paulicéia, também aumentou rapidamente a demanda de farinhas, revelando-se as seções dos moinhos “A” e “B” insuficientes para atender às exigências do mercado” (S.A. Moinho Santista...: 4).

Para ampliar a capacidade da planta industrial, em 1930 foi construído um novo edifício, todo em concreto armado. De acordo com os documentos de S.A. Moinho Santista (p. 5), “mais uma vez foi a Miag de Braunschweig, Alemanha, que forneceu as máquinas, com exceção dos cilindros, que foram adquiridos da firma Buhler, Suíça”. A nova seção, denominada “Moinho C”, com capacidade de moagem de 100 toneladas/dia, foi inaugurada em setembro de 1931.

De novo pensando no aumento da produção, em 1935 a Miag forneceu outras máquinas para instalação do “Moinho D”, com capacidade de 100 toneladas/dia. Na ocasião o “Moinho Santos passou a contar com quatro seções de moagem, com capacidade de 380 toneladas/dia e silos para armazenar 10 mil toneladas de trigo em grão” (S.A. Moinho Santista...: 5).

Dando continuidade a seu processo de expansão no Brasil e, mantendo-se no mesmo ramo de atividades, a Bunge adquiriu o **Moinho fluminense** em 1914, constituído em 1887, “por meio de um decreto concedido pela Princesa Isabel” (CMB, 2013: 5). No alvará de funcionamento da empresa, nas folhas 1 e 2, consta: “A Princesa Imperial Regente, em nome do Imperador, atendendo o que lhe requeriam Gianelli A. Comp. ... há por bem autorizar a funcionar a sociedade commanditaria por acções denominada Moinho Fluminense...”. O mesmo alvará assim descreve sua constituição:

“Moinho Fluminense S.A. com sede nesta cidade à Rua General Camara 45, por seu representante infra assignado, requer a V.S. se digne de mandar passar por certidão, de modo a fazer fé, o inteiro teor do decreto no. 9.776 de 25 de agosto de 1887 e do contracto a que se refere este decreto, publicado no Diario Oficial de 1 de setembro de 1887, que autorizou a funcionar a

então sociedade em commandita por ações denominada Moinho Fluminense”¹⁵.

De acordo com o mesmo documento, artigo 2, esta sociedade foi constituída com “o objetivo de explorar a moagem de trigo e outros cereais em grande escala, de fazer compra e venda, assim como estimular o plantio de trigo no Brasil”.

O artigo 3 define o Rio de Janeiro como a cidade sede da empresa. O artigo 5 refere-se ao capital social, constituído de mil contos de réis, dos quais o sócio gerente Carlos Gianelli entrou com a quantia de 50 mil réis, sendo os demais 950 mil distribuídos pelos outros sócios comanditários. O capital ficou dividido em 1.900 ações, no valor de 500 mil réis cada uma. O artigo 16 delega ao sócio gerente a incumbência de adquirir terrenos à beira mar onde possam atracar navios, construir os edifícios necessários e adquirir as máquinas que possibilitem a moagem de 80 toneladas de grãos por dia.

O Moinho Fluminense teve forte expansão de suas atividades, chegando na década de 1920 a constituir 16 agências no Brasil e uma no exterior, conforme relato do documento da empresa. “As agências estavam localizadas em São Paulo, Juiz de Fora, Belo Horizonte, Bahia, Maceió, Ilhéus, Itajaí, Vitória, Aracaju, Ceará, Barra do Piraí, Curitiba, Niterói, Londres, Alfenas e 3 Corações” (Moinho Fluminense. Agências: 19).

Para consolidar sua atuação na área de moinhos, farinhas e derivados, a Bunge constituiu, em fevereiro de 1929 a **Sociedade Anônima Moinhos Rio Grandenses – SAMRIG**, resultado da fusão de duas empresas moageiras: Viúva Albino Cunha e Cia. e S.A. Grandes Moinhos do Sul (CMB, 2013: 7). “O prédio do primeiro moinho foi inaugurado em 1891 e construído por técnicos ingleses. Pelo seu valor arquitetônico, em 1983 foi declarado Patrimônio Histórico da Cidade, por decisão da prefeitura de Porto Alegre”¹⁶. Na década de 1920 os equipamentos importados permitiam atingir a marca de 100 toneladas de farinha por dia. Como o trigo do estado era insuficiente, o cereal era importado da Argentina, descarregado no trapiche e transportado até a fábrica através de ferrovia.

¹⁵ Alvará de Funcionamento do Moinho Fluminense. Documento consultado em setembro de 2014 no Centro de Memória Bunge, em São Paulo (Cx. Preta 01.T1).

¹⁶ Bunge Alimentos. Histórico do Moinho Porto Alegre. São Paulo: CMB, 2013: 2.

Em 28 de janeiro de 1928 o então governador do Estado, Getúlio Vargas, manifestou apoio à empresa, da seguinte forma: “O Moinho Portoalegrense de trigo alia, ao interesse comercial, o estímulo patriótico de contribuir como fator da emancipação econômica do Rio Grande do Sul... Empresas como esta merecem os aplausos e o amparo do governo do estado...”¹⁷.

De acordo com material disponibilizado pelo Centro de Memória Bunge¹⁸ antes da compra pela Bunge, as duas empresas já atuavam como moageiras de trigo e possuíam moinhos em Porto Alegre e Pelotas, inclusive o Moinho Porto Alegrense era o maior do Rio Grande do Sul.

Nas décadas de 1930 e 1940 a Samrig constituiu moinhos em cinco cidades do estado: Erechim, Passo Fundo, Guaporé, Cruz Alta, Uruguaiana e incorporou o Moinho Joinville, em Santa Catarina. Em 1950 entrou para o ramo de rações balanceadas, iniciando a produção em Porto Alegre e inaugurando outras plantas industriais em Joinville (SC), Pelotas, Passo Fundo e Cruz Alta (RS).

O histórico do **Moinho de Joinville** começou quando o Moinho Boa Vista foi construído às margens do Rio Cachoeira, próximo ao cais Conde d’Eu, que permitiu receber trigo por via marítima através de barcaças puxadas por rebocadores vindos do porto de São Francisco do Sul. A construção da primeira planta industrial “começou em 1910 com ferro e aço importados da Alemanha. A edificação e suas máquinas foram feitas pela firma Amme, giesecke & Konegen, de Braunschweig (Alemanha)”¹⁹. Inaugurado em 19 de abril de 1913 na cidade Joinville-SC, foi fundado por Oscar Schneider & Co., tendo como sócios gerentes Oscar Antonio Schneider e Domingos da Nova Junior e como sócios comanditários o senador Abdo Baptista, Eduardo Horn e o Banco do Commercio de Porto Alegre.

Para seu funcionamento foram construídos 11 silos de ferro, com capacidade para receber 1.100 toneladas de trigo. Com um quadro inicial de 23 funcionários, iniciou com capacidade de produção de 550 a 600 sacos de farinha de trigo, com três

¹⁷ Carta do governador do Rio Grande do Sul em apoio aos Moinhos Rio Grandenses. Porto Alegre, 28/01/1928. Consultada no Centro de Memória Bunge. São Paulo, novembro de 2014.

¹⁸ Disponível em <http://www.fundacaobunge.org.br/acervocmb/colecao/13/> Acesso em 12 Fev. 2015.

¹⁹ Histórico do Moinho Joinville. São Paulo: CMB, 2013: 1.

marcas: Cruzeiro, Surpresa e Boavista e mais 200 sacos de farelo. Em 1923 o moinho foi adquirido pelo Grupo Mercantil Brasileiro S.A. (UMBRA) e, em 27 de maio de 1944 a Umbra transferiu todo o conjunto industrial para a Samrig (Bunge).

Após a Segunda Guerra Mundial a Samrig incentivou o cultivo de soja e, em 1958 inaugurou o Parque Industrial de Esteio (RS), na época o maior processador de soja da América Latina. A construção desta unidade industrial representou um marco no uso da soja no Brasil, tanto como incentivo a esta nova lavoura como na difusão de seus produtos derivados. Ainda em 1958 lançou o óleo de soja Primor, em 1960 a margarina Primor e, em 1969 foi construída, no parque de Esteio, a primeira fábrica de proteína isolada de soja da América Latina, o que permitiu converter a proteína em matéria-prima para a indústria alimentícia.

Além da Samrig, dos moinhos Santista e Fluminense, a Bunge comprou, em 1914, o **Moinho Recife**, com forte atuação no nordeste. Os documentos da companhia descrevem o processo da seguinte maneira:

“A empresa Just Basto & Cia., que operava no ramo de exportação e importação de farinha de trigo, procedente da Hungria e dos Estados Unidos, não dispondo de capital suficiente para os negócios, associou-se ao Grupo Bunge e constituiu, em 30 de maio de 1914 a Grandes Moinhos do Brasil S.A., que em 1966 acresceu a denominação Indústrias Gerais. Em 1986, teve sua razão social alterada para Moinho Recife S.A. Empreendimentos e Participações, uma das maiores unidades da Bunge em industrialização de trigo com estrutura portuária” (CMB, 2013: 5).

O Moinho Recife surgiu para atender as necessidades de farinha e outros derivados de trigo no nordeste do país. Seu capital inicial foi constituído de “mil contos de réis”²⁰. Seus estatutos foram aprovados por decreto federal n. 10.946, publicado no Diário Oficial de 26 de junho de 1914 e arquivados na Junta Comercial de Pernambuco, sob n. 4.053, em 9 de julho de 1914.

Em função de problemas relacionados à Primeira Guerra, houve atraso na importação de máquinas e demais equipamentos, assim como na própria construção das plantas industriais. Desta maneira, as instalações fabris só foram inauguradas no dia 11

²⁰ As informações sobre este histórico foram extraídas de Histórico do Moinho Recife. São Paulo: CMB, 23 p. Consultado em novembro de 2014.

de dezembro de 1919, quando o moinho lançou as marcas de farinha: Recife, Olinda e Nortista. Para o início das atividades “foram contratados 6 homens para a casa dos motores, 4 para a limpeza, 6 para a moagem, 6 ensacadores e cosedores, 2 cabos e 1 encarregado do controle de transporte” (Historico Moinho Recife, 2013: 4).

Em 1921 foram ampliadas as instalações com a construção de um novo armazém e o moinho chegou a uma capacidade de produção de 80 toneladas por dia. Já em 1926 foi inaugurada uma segunda unidade de moagem (Moinho B), com novos silos que permitiram o aumento da produção e o atendimento à demanda regional e nacional.

Como a região não produzia trigo, este era importado. Em 1929, por exemplo, dez vapores descarregaram, no porto de Recife, 30 mil toneladas de trigo destinadas ao moinho. Em função da importância que esta cidade foi ganhando para a companhia, no dia 24 de novembro de 1930 a sede da S.A. Grandes Moinhos do Brasil foi transferida para Recife.

Ampliando seu leque de atuação o moinho inaugurou, em 1945, a fábrica de rações balanceadas. No ano seguinte aumentou suas instalações industriais e inaugurou a terceira planta fabril (Moinho C), lançando as rações Bovinovita, Equinovita e Suinovita. Contando com o aumento das unidades e com a renovação do parque de máquinas, a inauguração de nova planta industrial (Moinho D), em 1952, a companhia chegou a uma capacidade de moagem de 536 toneladas diárias.

Enquanto aumentava sua participação no setor de trigo e derivados no Brasil a companhia continuava sendo dirigida de Antuérpia, sobretudo por Eduardo Bunge. Com sua morte, em 1927, segundo Green e Laurent (1989: 76), “... a pesar de los lazos que conservan las familias Bunge & Born de Amberes y de la importancia que esta sociedad sigue teniendo, la muerte de Eduardo Bunge, personaje destacado, modifica el equilibrio del grupo. Los elementos mas dinámicos se sitúan más allá del Atlántico y la preeminencia del polo argentino comienza a afirmarse”.

Durante os anos 1930, o centro das atividades da Bunge situa-se na Argentina. Os membros do grupo familiar (Bunge, Born e Hirsch) residem no país e a sociedade argentina Bunge & Born se impõe como elemento motor da concepção do grupo. No entanto, na medida em que a companhia foi expandindo-se na América Latina e,

sobretudo com a chegada de Perón²¹ ao poder, “... progresivamente, en la estrategia de Bunge & Born la importancia relativa de Argentina y Brasil va a restablecerse en provecho del polo brasileño” (Green; Laurent, 1989: 97).

Para compreender melhor os investimentos em moinhos e demais atividades econômicas no país, é salutar mencionar que, de maneira semelhante, a Bunge investiu também em outros continentes e países da América Latina. Para nos atermos a este último caso, desde o início do século XX o grupo investiu no Peru, “importando de Argentina aceite de girasol y manteca de cerdo y exportando a Inglaterra granos y fibras de algodón” (Green; Laurent, 1989: 98). Em 1943 a Bunge criou no Peru a companhia de comércio e finanças *La Fabril*, atuando no comércio de produtos agrícolas, têxtil, químico e de produtos minerais. Implantou a *Molinos Santos Rosa* e, em 1946 criou a *Compañía Oleaginosa del Perú*, destinada a produzir azeite vegetal. De acordo com os mesmos autores (1989: 99), “como en Argentina y en el Brasil esta actividad se prolongará algunos años más tarde en la fabricación de productos químicos (jabones, detergentes) y alimentos para animales”. Caminho semelhante a Bunge seguiu no Uruguai onde implantou a fábrica *Uruguaya de Aceites Comestibles*, em 1936 e, em 1941 diversificou sua atuação e fundou a *Sociedad Química Uruguaya*.

4 Crescimento via diversificação de atividades e ocupação do território nacional

A aquisição seguinte da Bunge, além de diversificar suas atividades contribuiu para sua expansão a nível nacional. Em 1923 comprou a *Cavalcanti & Cia.*, que viria a se tornar a **Sanbra: Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro**, primeira empresa da Bunge no segmento de oleaginosas.

Influenciado pela economia cafeeira, o estado de São Paulo foi dominando o processo de industrialização e de importância econômico-política após a Primeira

²¹ Juan Domingo Perón nasceu em 8 de outubro de 1895 e morreu em 1 de julho de 1974. Exerceu carreira militar e governou o país em dois momentos: entre 1946 e 1955 (em dois mandatos) e, depois de 18 anos de exílio na Espanha, voltou ao poder entre 1973 e 1974.

Guerra²². De acordo com Dean (1971: 20), “por volta de 1920 o estado substituiu o Rio de Janeiro como centro industrial mais importante do Brasil”.

Além do café e da industrialização, para melhor entender a presença da Sanbra no estado de São Paulo, é necessário destacar sua importância na produção de algodão, matéria-prima essencial desta nova atividade econômica do nascente grupo Bunge. Na década de 1920 o governo de São Paulo promoveu pesquisas e gerou melhorias na qualidade das fibras, melhorou as sementes e as distribuiu em grandes quantidades. Com isso, a produção aumentou sensivelmente. De acordo com Baer (1996: 52), “antes de 1933, o Brasil produzia menos de 10 mil toneladas por ano. Em 1934, São Paulo colheu 90 mil toneladas. Entre 1929 e 1940, a participação do país nas áreas mundiais dedicadas ao plantio do algodão aumentou de 2% para 8,7% e a participação do algodão nas suas exportações cresceu de uma média anual de 2,1% no final da década de 1920, para 18,6% durante o período de 1935-39”.

Levando em conta este crescimento populacional e o desenvolvimento agrícola e industrial de São Paulo, o fato da primeira empresa Bunge também estar localizada em Santos e, logo em seguida, transferir sua sede para a capital, não é de estranhar que a sede da Sanbra também se estabelecesse nesta cidade. De acordo com documento da Sanbra, “a matriz ficou em São Paulo, enquanto as filiais estavam distribuídas no Rio de Janeiro, Salvador, Recife, João Pessoa, Campina Grande, Natal e Fortaleza”²³.

O documento da Sanbra também mostra a penetração de sucursais e demais atividades nos principais estados de atuação. São Paulo, devido a sua importância econômica, tornou-se o estado-chave, contando com “7 fábricas de óleo de amendoim e carroço de algodão, 1 fábrica de óleo de mamona, 2 moinhos de arroz, 3 descaroçadores de algodão, 7 depósitos, 1 tanque de óleo para exportação, 3 prensas de alta densidade, 3 refinações de óleos vegetais e fábricas de sabão” (SANBRA, s/d, s/p).

Enquanto São Paulo destacava-se pela quantidade de instalações, Pernambuco tomou a dianteira no sentido da diversificação de atividades, contando com “5

²² De acordo com Dean (1971: 10), em 1892 Santos exportou 40 milhões de dólares de café e, em 1912, suas exportações totalizaram 170 milhões. A população de São Paulo elevou-se de 837.000 em 1872, para 2.283.000 em 1900 e quase 4 milhões no início da Primeira Guerra Mundial. Em relação à capital, passou de uma aldeia, com 23.000 habitantes em 1872, para 580.000 moradores em 1920.

²³ Sanbra: Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro. Livro com o histórico da empresa sem data e sem páginas. Centro de Memória Bunge, São Paulo. Consultado em novembro de 2014.

depósitos, 3 descaroçadores de algodão, 1 fábrica de óleo de algodão, 1 fábrica de óleo de mamona, 1 tanque de óleo para exportação, 1 prensa de alta densidade, 1 fábrica de óleo de extração por solvente, 1 fábrica de fertilizantes, 1 refinação de óleo e fábrica de sabão” (SANBRA, s/d, s/p).

O mesmo documento detalha as atividades nos demais estados, a saber: Paraíba contava com “9 depósitos, 6 descaroçadores de algodão, 1 prensa de alta densidade, 1 fábrica de óleo de caroço de algodão”. A Bahia tinha “2 depósitos”, enquanto outros três estados do nordeste contavam com apenas uma atividade, ou seja, 1 depósito em Alagoas, Rio Grande do Norte e Ceará” (SANBRA, s/d,s/p).

Campina Grande, na Paraíba, era conhecida como a “Liverpool brasileira”, considerada o segundo pólo de comércio de algodão do planeta. Foi atrás desta riqueza que a “Sanbra chegou à cidade em 1935, onde construiu uma grande estrutura, contribuindo para o desenvolvimento econômico da cidade e do estado”²⁴. Neste local operou um depósito, um descaroçador de algodão, uma prensa de alta densidade, uma fábrica de óleo de caroço de algodão.

Na década de 1940 a Sanbra iniciou, em Recife, a extração do óleo de mamona. Para tanto, adquiriu no bairro de Boa Viagem, uma fábrica de óleo cujas instalações permitiram o início da atividade, “... até a construção de nova fábrica no bairro industrial de Areias, inaugurada em 1948”. Dando continuidade à produção, a Sanbra iniciou, em 1955, a construção de nova fábrica de óleo de mamona em Salvador²⁵.

Tabela 2 – SANBRA e suas principais atividades no Brasil – 1923 a 1955

Estado	Atividade	Nº	Municípios
São Paulo	Descaroçadores de algodão	32	Adamantina, Alvares, Machado, Andradina, Araçatuba, Paraguaçu, Paulista, Assis, Catanduva, Duartina, Garça, Guararapes, Itapeva, Jaboticabal, Lavínia, Marília, Martinópolis, Monte Aprazível, Olímpia, Ourinhos, Pompéia, Presidente Bernardes, Presidente Prudente, Rancharia, Regente Feijó, Santo Anastácio, São Carlos, São João da Boa Vista, São José do Rio Preto, Tupã, Votuporanga, Valparaíso

²⁴ Retalhos históricos de Campina Grande. In: <http://www.cgretalhos.blogspot.com.br/2009/11/sanbra.html#.VNg68E10wdU> Acesso em: 12 fev. 2015.

²⁵ Dados extraídos da Revista “Atualidades Sanbra”, n.2, março-abril de 1968. Consultada no Centro de Memória Bunge. São Paulo, novembro de 2014.

SP	Depósitos	8	Marília, Fernandópolis, Catanduva, Ribeirão Preto, e três depósitos em São Paulo
SP	Refinação de óleos vegetais e fábrica de sabão	3	Bauru, Ribeirão Preto, São Paulo
SP	Fábricas de óleo de amendoim e caroço de algodão	7	Ourinhos, Regente Feijó, Marília, Bauru, São Carlos, Ribeirão Preto, São Paulo
SP	Prensas de alta densidade	3	As três na cidade de São Paulo
SP	Moinhos de arroz	2	Tupã, Andradina
SP	Fábrica de óleo de mamona	1	São Paulo
SP	Tanque de óleo para exportação	1	Santos
Pernambuco	Depósitos	5	Manissobal, Serra Talhada, Afogados da Ingazeira, Sertânia, Recife
PE	Descaroçadores de algodão	3	Garanhuns, Arco Verde, Caruaru
PE	Prensa de alta densidade	1	Recife
PE	Fábrica de óleo de algodão	1	Recife
PE	Fábrica de óleo de mamona	1	Recife
PE	Tanque de óleo para exportação	1	Recife
PE	Fábrica de óleo de extração por solvente	1	Recife
PE	Fábrica de fertilizantes	1	Recife
PE	Refinação de óleo e fábrica de sabão	1	Recife
Paraíba	Depósitos	9	Cajazeiras, Misericórdia, Catolé do Rocha, São Mamede, Guarabira, Alagoa Grande, Campina Grande, Cabedelo, João Pessoa
PB	Descaroçadores de algodão	6	Souza, Pombal, Sabugi, Patos, Batalhão, Campina Grande
PB	Prensa de alta densidade	1	Campina Grande
PB	Fábrica de óleo de caroço de algodão	1	Campina Grande
Bahia	Depósitos	2	Juazeiro, Salvador
Alagoa	Depósito	1	Maceió

s			
Ceará	Depósito	1	Fortaleza
Rio Grand e do Norte	Depósito	1	Natal

Fonte: Elaboração própria a partir de documentos da Sanbra (CMB, 2014).

Em mais um passo em direção às atividades do grupo Bunge, em 1929 a Sanbra lançou o *Salada*, de algodão, primeiro óleo vegetal comestível no país. O óleo contribuiu para mudar os hábitos alimentares dos consumidores que, na época, usavam banha de porco.

Uma das atividades essenciais que caracteriza a filial Bunge no Brasil em meados da segunda década do século XXI são as exportações. A empresa destacava-se, em 2011, como a maior exportadora do agronegócio e a terceira maior exportadora geral do país. Esta atividade começou em 1934 quando realizou seu primeiro embarque com destino ao exterior, vendendo algodão em pluma para a Europa.

Os dados a respeito das exportações da companhia podem ser acompanhados de diversas maneiras, conforme documentação do Centro de Memória Bunge, em São Paulo. Na carta endereçada à sede, dia 25 de junho de 1938, os diretores brasileiros, escrevendo aos mantenedores gerais, em Buenos Aires, assim se referem no tocante às exportações: “Comunicamos a Vv. Ss., pela presente, que no vapor “RIGEL” a sair de Santos para Copenhague, pouco mais ou menos no 27 do fluente, efetuaremos os seguintes embarques de torta de caroço de algodão: 1.694 sacos com 601.140 Ks. em aplicação à venda avisada na carta n. 177, ao preço de sh/117/6...”²⁶.

A análise das correspondências entre a filial (São Paulo) e a sede (Buenos Aires) permite acompanhar os detalhes destas exportações, como pode-se observar na carta de 26 de novembro de 1938, quando informam que “no vapor BRYNHLLD partindo de Santos para Copenhague serão embarcadas 1.694 sacos de torta de caroço de algodão, venda avisada na carta n. 207, no valor de Libras 6.8.9”.

²⁶ Carta dos diretores da Bunge em São Paulo, endereçada aos “Ilmos Srs. Bunge & Born Ltda. Buenos Aires (n. 368)”, datada de 25 de junho de 1938. Consultada no Centro de Memória Bunge. São Paulo, novembro de 2014. Obs. Este livro de correspondências traz cópia de todas as cartas enviadas, entre as quais selecionamos algumas.

As informações são recorrentes, pois na carta do dia 24 de novembro de 1938, informa-se que “... no vapor CRUX, saindo de Santos para Copenhague, serão embarcados 844 sacos de torta de caroço de algodão, com 50.640 Ks. por saldo de venda avisada na carta n. 368, ao preço de Libras 6.0.3”.

Analisando as correspondências é possível acompanhar os detalhes das flutuações de mercado, como ocorreu no relato da carta do dia 17 de janeiro de 1939, que fala da situação das exportações de outro produto, o café. Os encarregados das exportações descrevem as dificuldades momentâneas, ao mencionar que

“... sob a má impressão das baixas sucessivas do termo americano, da crise franco-italiana e ante as avultadas entradas que diariamente se verificam na praça, que já elevam o ‘stock’ a quase 2.500.000 sacas, os operadores mostram-se retraídos, principalmente os nossos habituais compradores no exterior, que retardam as suas compras, determinando este fato, certo desânimo entre os vendedores, mesmo os mais otimistas, que já estão se desfazendo de seus cafés pelos preços oferecidos pelos exportadores”.

Em seguida a carta passa a descrever os preços do dia para os diferentes tipos de café.

Atenta às atividades de maior valor agregado, a Sanbra diversificou as exportações, contribuindo para uma mudança nas vendas do país. “Assim, o Brasil, de maior exportador de matéria prima, passou a ser o maior exportador mundial de óleo de mamona retendo a torta, subproduto para a utilização como fertilizante em diversas culturas, principalmente a fumageira no nordeste do país” (Atualidades Sanbra, 1968).

A partir de meados da década de 1930, outro produto passaria a fazer parte da diversificação de atividades da Bunge: a lã. Em 1934 a S.A. Moinho Santista começou a construção e montagem de uma grande Fiação de Lã no bairro do Belenzinho, em São Paulo, a **S.A. Moinho santista Indústrias Gerais – Lanifício**. Construída numa chácara, a fábrica ocupava uma área de 7 mil metros quadrados, denominada Fiação Santista, dividida nos setores de lã e de algodão, fazendo fios para terceiros e malharia. Com uma equipe inicial de 650 funcionários, a Belenzinho entrou em operação em 1935 e foi a primeira fábrica de porte no Brasil a produzir fios de lã de forma sistemática e de primeira qualidade. A Belenzinho lançou as marcas Sibéria, Alaska e Sams,

aprimorando também a produção de fios de lã (Histórico do Grupo Bunge, CMB, São Paulo, 2013: 8).

Neste mesmo ramo de atividades, a Bunge constituiu a Fábrica de Tecidos Tatuapé “registrada na Junta Comercial de São Paulo em 23 de agosto de 1929”²⁷. O mesmo documento dá outros detalhes da firma, como a quantidade de ações, constituídas de “cinquenta mil ações de duzentos mil réis cada uma”. Na época da fundação da nova empresa, entre os acionistas destacavam-se: Moinho Fluminense (Rio de Janeiro, 960 mil réis), S.A. Moinhos Riograndenses (Porto Alegre, 350 mil réis), S.A. Moinho Santista (São Paulo, 200 mil réis), Grandes Moinhos do Brasil S.A. (Recife, 100 mil réis), União Mercantil Brasileira S.A. (Joinville, 20 mil réis), João Ugliengo (São Paulo, 10 mil réis), Vincenzo Scancutta (São Paulo, 8 mil réis), João Baptista Della Corsa (São Paulo), Armando Fachada (São Paulo) e diversos (São Paulo, 2 mil réis). Pelo montante dos investimentos na nova firma, percebe-se que a sua constituição dependeu, essencialmente, do reinvestimento de companhias pertencentes à própria Bunge.

O documento detalha as construções da nova companhia, que nos ajuda a entender o tamanho do empreendimento. Menciona

“três grandes edifícios construídos em cimento armado onde se acham instaladas a fiação, a engomação e a tecelagem de algodão; um edifício construído em tijolos onde se acham instalados um descaroçador e as retorcedeiras; um edifício construído em tijolos onde, de um lado, estão instaladas as máquinas de medição dos tecidos, embalagem dos mesmos e os maquinismos para costura de sacos e, de outro lado, o armazém dos produtos fabricados e um almoxarifado; um edifício construído em tijolos que serve, de um lado, como depósito de algodão e, de outro, de instalação dos maquinismos para tratamento de resíduos; um barracão construído parte em tijolos e parte em madeira onde está a portaria e a sala de refeição dos operários; um edifício construído em tijolos onde estão instalados a oficina mecânica, a carpintaria e o depósito de materiais; um pavilhão sanitário para os operários”.

²⁷ Fábrica de Tecidos Tatuapé. Diário n. 1. Consultado no Centro de Memória Bunge. São Paulo, novembro de 2014.

A análise dos maquinários, descritos no mesmo documento, dá uma dimensão mais próxima do tamanho da nova empresa. As máquinas eram constituídas de “uma fiação completa de 16.000 fusos, uma tecelagem com 642 teares de diversas dimensões com as respectivas engomadeira e máquinas auxiliares, mecanismo completo para o tratamento de resíduos, maquinismo para descarregar algodão...”. Além disso havia “49 casas para operários, sendo 42 novas e 7 velhas, construídas parte no interior da fábrica, na Avenida Celso Garcia, 680 e parte na Rua André Vidal”.

Diversificando ainda mais suas atividades, em 1936 o grupo Bunge criou, na Rua São Bento, em São Paulo, a Cimento Róseo que, em 1939 alterou seu nome para **Cibra – Sociedade Brasileira de Cimentos S.A.**, com a finalidade de explorar a indústria do cimento (CMB, São Paulo, 2013: 9).

No mesmo ramo de atividades, a Bunge constituiu a Serrana S/A de Mineração, fundada em 1938 para “pesquisa e exploração de uma reserva de calcário na Serra do Mar, atuando como associada à Cibra, produtora de cimento pozolânico, adquirida pela S/A Moinho Santista em 1936”²⁸. Em 1942 a Serrana passou a explorar uma jazida de minério fosfatado (apatita) em Cajati, no Vale do Ribeira. Em 1945 a Cibra transformou-se em Quimbrasil, fabricando produtos químicos para uso veterinário e agrícola além de fertilizantes fosfatados.

Dando continuidade à produção de fertilizantes, surgiram novas marcas, como a Manah, em 1947, produzida em Descalvado, São Paulo. Junto com a IAP e a Serrana são as marcas de fertilizantes da Bunge Brasil (CMB, 2013: 11).

Além das atividades acima mencionadas, a Bunge buscou tornar-se conhecida do público e dos possíveis clientes a nível nacional, inovando na maneira de fazer seu próprio marketing. No dia 18 de setembro de 1950, às 22 horas foi ao ar o primeiro programa de televisão no país, pela TV Tupi. Moraes (1994: 499) assim descreve a inauguração:

“No dia 18 de setembro a função iria começar às cinco da tarde, com a transmissão da cerimônia de bênção e batismo das câmeras e dos estúdios e prosseguiria com esquetes até se encerrar, às nove da noite, com um grandioso show. Naturalmente tudo seria ao vivo pois a primeira fita de vídeo só

²⁸ Revista *Ser Notícias*, ano I, n. 1, Julho/Agosto 1996, p. 3.

apareceria quase duas décadas depois. Para a festa da inauguração oficial da televisão brasileira, a quarta do mundo, Chateaubriand já havia reservado um salão no Jockey Club, onde seria instalado um monitor para que seus duzentos convidados especiais (entre eles David Sarnoff, presidente da RCA Victor-NBC, que lhe vendeu o material) pudessem assistir, durante um banquete, à primeira apresentação regular daquela que era chamada, por um vício herdado do rádio, pelo complicado prefixo de PRD-3-Tupi (e que logo se transformaria apenas em “TV Tupi canal 3”).

Para viabilizar seu sonho de implantar a televisão no país, Assis Chateaubriand Bandeira de Melo conseguiu, em 1947, “contratos antecipados de publicidade com a S.A. Moinho Santista e mais três empresas: Sul América Seguros, Cia. Antártica Paulista e Laminação dos Pignatari. Nos anos 1940 e 1950, época de ouro do rádio, o Grupo Bunge passou a investir em mídia, divulgando seus produtos em programas de rádio” (CMB, 2013: 11).

Por fim, no ano do cinquentenário da Bunge no Brasil, em 1955, como forma de comemorar e se instalar definitivamente na sociedade local criou, em 30 de setembro, a Fundação Moinho Santista, hoje Fundação Bunge, “com o objetivo de incentivar a produção científica, artística e cultural do país, através da criação do Prêmio Fundação Bunge” (CMB, 2013: 12). Todo ano é feita uma cerimônia onde são premiadas personalidades que se destacam nas áreas de artes, letras e ciências.

A tabela 3 ajuda a compreender o porquê do crescimento da Bunge no Brasil durante seu primeiro meio século. Basicamente a empresa cresceu baseada na diversificação de produtos, no aumento significativo da produção, na ampliação dos parques fabris, na busca pelas melhores tecnologias (máquinas e equipamentos) em todas as partes do mundo, na ocupação do território nacional.

Tabela 3 – Bunge - Ano de fundação, empresa, atividade e localização – 1905-1955

Ano	Empresa	Principal atividade	Localização
1905	Moinho Santista	Farinha e derivados de trigo	Santos-SP
1914	Moinho Fluminense	Farinha e derivados de trigo	Rio de Janeiro
1914	Grandes Moinhos do Brasil – Moinho Recife	Farinha de trigo, derivados e estrutura portuária	Recife-PE
1923	Sanbra: Sociedade Algodoeira do Nordeste	Descaroçador de algodão, fábricas de sabão e de	Nordeste do Brasil e forte

	Brasileiro	fertilizantes; fábricas de óleo de algodão, amendoim e mamona; moinhos de arroz; tanque óleo para exportação.	atuação em São Paulo
1929	Sanbra	Salada: 1º óleo vegetal do Brasil (algodão)	Nordeste do Brasil
1929	Samrig: Moinhos Rio Grandenses S.A.	Farinha e derivados de trigo	Porto Alegre-RS
1934	Bunge	Início das exportações – algodão e café	Nordeste do Brasil e Santos
1934	Moinho Santista	Fiação de lã	Belenzinho-SP
1936	Sibra: Sociedade Brasileira de Cimentos	Exploração de cimentos	Belenzinho-SP
1938	Serrana	Fertilizantes	Cajati-SP
1947	Manah	Fertilizantes	Descalvado-SP
1950	Moinho Santista	Propaganda – inauguração TV no Brasil	São Paulo
1955	Fundação Bunge	Apoio a artes, letras, ciências e atividades comunitárias	São Paulo

Fonte: Elaboração própria a partir dos documentos da empresa e do Centro de Memória Bunge.

5 Conclusão

Analisando-se este período de cinquenta anos da Bunge no Brasil, percebe-se que ela foi colocando em prática algumas das ideias que os autores tratam ao analisar a formação de grupos econômicos em países em desenvolvimento. A primeira constatação é que a empresa soube aproveitar as oportunidades e não teve medo de empreender. A Bunge cresceu graças a sua atuação no mesmo ramo em que iniciou as atividades no país: Moinhos de trigo. Neste caso, cresceu porque tomou algumas atitudes básicas: i) incorporou novos moinhos a seu portfólio industrial (ao Moinho Santista agregou o Moinho Fluminense, Moinho Recife, Moinhos Rio Grandenses); ii) aumentou permanentemente sua capacidade de produção, melhorando e ampliando as plantas industriais, passando de “Moinho A” para “B”, “C”, “D” em diversos lugares. O Moinho Recife, por exemplo, através de suas quatro plantas industriais chegou em 1952, a uma capacidade de moagem de 536 toneladas por dia; iii) diversificou produtos, acrescentando à farinha de trigo: misturas, massas, farelo, sobremesas, rações balanceadas...

Cresceu e foi tomando as primeiras feições de um grupo econômico porque diversificou os ramos de atividade. De moinhos de trigo passou para atividades com algodão, através da Sanbra. Analisando o portfólio desta empresa percebe-se que ela ia muito além de algodão. Atuava com depósitos; descaroçadores de algodão; fábricas de sabão e de fertilizantes; fábricas de óleo de algodão, amendoim e mamona; moinhos de arroz; tanque de óleo para exportação.

No mesmo aspecto da diversificação de atividades, entrou para campos complementares aos que atuava, como fiação de lã e produção de fios de algodão; produção de cimento; investiu em plantas industriais para produzir fertilizantes, ramo em que tornou-se um dos maiores fornecedores do agronegócio brasileiro.

A Bunge diversificou atividades no Brasil, internalizando uma atitude corriqueira a nível internacional. Alguns historiadores, como Green e Laurent (1989: 75-76) estudando este mesmo período constatam que

“... esta capacidad de adaptación está reforzada por una importante diversificación de las actividades del grupo. Ya a principio de siglo XX interviene en sectores bastante diversos: producción agrícola, comercio y primera transformación de cereales, de algodón, de oleaginosas, financiación de diversas operaciones como la explotación de minas chinas o las empresas de Leopold II en el Congo Belga. Algunas de estas actividades prometen un futuro brillante y otras terminan en fracasos. Pero la mayoría permiten, en um momento dado, obtener beneficios sustanciales y financiar el crecimiento internacional del grupo”.

Outra maneira de constituir-se em grupo empresarial foi o lançamento pioneiro e permanente de novos produtos. A Bunge foi pioneira lançando, por exemplo, o “salada”, primeiro óleo vegetal do Brasil, extraído do caroço de algodão, em 1929. Este produto foi concorrente de outro que ajudou a enriquecer as Indústrias Reunidas Matarazzo, a banha de porco (Costa Couto, 2004). Mais tarde sofreria a concorrência do óleo de soja “Primor”, neste caso, novamente lançado pioneiramente pela Bunge a partir da planta industrial de Esteio-RS, em 1958. Também foi pioneira ao construir, em 1969 (em Esteio-RS), a primeira fábrica de proteína isolada de soja da América Latina para fornecer matéria prima à indústria alimentícia.

Outra atividade de destaque, a partir de 1934 foi sua atuação no comércio internacional, via exportações. Começou exportando farelo de trigo pelo Moinho Santista, seguido de algodão e café (Sanbra) e depois diversificou para outros produtos, até tornar-se, em 2012, a maior exportadora do agronegócio brasileiro. Esta atividade foi outra que contribuiu para o crescimento e a formação do grupo empresarial Bunge.

Outro destaque da Bunge foi seu precoce e amplo processo de internacionalização. Iniciou atividades em Amsterdam em 1818 e, logo em 1859, já mudava sua sede para Antuérpia. De acordo com Silva e Dalla Costa (2014) seu comércio era com diversos continentes e logo implantou filiais em outros países da Europa, Ásia, África e Américas. Para outros autores, como Green e Laurent (1989, p. 75), no início do século XX, “en el momento en que la mayoría de las empresas se esfuerzan en consolidar posiciones en sus mercados nacionales, o se limitan al control de circuitos limitados a las colonias de su país de referencia, las sociedades del grupo Bunge & Born intervienen en casi todo el mundo”.

Numa análise mais pragmática, a ex-diretora do departamento jurídico da Bunge aponta outros motivos que levaram a empresa a crescer e a se transformar em grupo econômico. “A Bunge crescia em função de alguns fatores específicos, sobretudo: i) dirigentes com visão apropriada dos negócios e que aproveitavam todas as oportunidades; ii) entrosamento com as comunidades locais onde a Bunge tinha unidades; iii) qualidade das pessoas que administravam a empresa; iv) pioneirismo em todos os setores de atuação; v) profissionalismo dos funcionários em todas as ações”²⁹.

Retomando a questão chave inicial: como a Bunge, no contexto de uma economia de incipiente industrialização transformou-se num grupo econômico? podemos dizer que formou um grupo econômico porque: i) comprou concorrentes; ii) aumentou a capacidade instalada dos moinhos; iii) diversificou produtos; iv) manteve boas relações com o governo que incentivou a industrialização a partir de 1930; v) inseriu-se nas comunidades onde mantinha atividades econômicas através da atuação da Fundação Bunge; vi) inovou lançando novas mercadorias, inexistentes no mercado; vii) seus dirigentes foram pioneiros nos setores de atuação; viii) ocupou o território nacional

²⁹ Entrevista com ex-diretora do departamento jurídico da Bunge. Centro de Memória Bunge. São Paulo, 14 de novembro de 2014.

tanto com plantas industriais como com distribuidores; ix) reinvestiu o próprio capital formando novas empresas; x) foi pioneira nos diversos ramos empresariais em que atuou.

6 Referências

6.1 Fontes primárias

ACTA da Assembleia Geral da “*Fábrica de Tecidos Tatuapé S/A*”. 5 de agosto de 1929. Consultada em: <http://www.fundacaobunge.org.br/acervocmb/assets/documentos-historicos/constituicao-fab-tecido-tatuape-1929.pdf> Acesso em: 24 Fev. 2015.

ACTA da Assembleia Geral do *Moinho Santista*. Documento consultado em setembro de 2014 no Centro de Memória Bunge, em São Paulo.

ALVARÁ de Funcionamento do *Moinho Fluminense*. Documento consultado em setembro de 2014 no Centro de Memória Bunge, em São Paulo.

BUNGE. *Relatório de Sustentabilidade*. São Paulo: Bunge, 2012.

CARTA dos *diretores da Bunge em São Paulo, endereçada aos “Ilmos Srs. Bunge & Born Ltda. Buenos Aires (n.368)*, datada de 25 de junho de 1938. Documento consultado em setembro de 2014 no Centro de Memória Bunge, em São Paulo.

CARTA do governador do Rio Grande do Sul em apoio aos *Moinhos Rio Grandenses*. Porto Alegre, 28 de janeiro de 1928. Documento consultado em setembro de 2014 no Centro de Memória Bunge, em São Paulo.

CMB - Centro de Memória Bunge. *História do Grupo Bunge*. São Paulo, CMB, 2013.

ENTREVISTA 1 – *Entrevista com ex-diretora do Departamento Jurídico da Bunge*. Centro de Memória Bunge. São Paulo, 14 de novembro de 2014.

ESTATUTOS do *Moinho Santista*. Documento consultado em setembro de 2014 no Centro de Memória Bunge, em São Paulo.

EXTRACTO da *Acta da Sessão Conjunta da Directoria e do Conselho Fiscal*. Santos, 21 de fevereiro de 1907. Documento consultado em setembro de 2014 no Centro de Memória Bunge, em São Paulo.

FÁBRICA de Tecidos Tatuapé. *Diário n. 1*. Documento consultado no Centro de Memória Bunge. São Paulo, novembro de 2014.

HISTÓRICO do *Moinho Recife*. Documento consultado em setembro de 2014 no Centro de Memória Bunge, em São Paulo.

HISTÓRICO do *Moinho Fluminense*. Documento consultado em setembro de 2014 no Centro de Memória Bunge, em São Paulo.

HISTÓRICO do *Moinho Joinvile*. Documento consultado em setembro de 2014 no Centro de Memória Bunge, em São Paulo.

http://www.bunge.com.br/Bunge/Nossa_Historia.aspx Acesso em: 11 Set. 2014.

<http://www.fundacaobunge.org.br/acervocmb/colecao/13/> Acesso em: 12 Fev. 2015.

S.A. *Moinho Santista* – Industrias Gerais. Documento consultado em setembro de 2014 no Centro de Memória Bunge, em São Paulo.

MOINHO Fluminense. *Agências*. Documento consultado em setembro de 2014 no Centro de Memória Bunge, em São Paulo.

REVISTA *Atualidades Sanbra*. Bunge, São Paulo, n. 2, março-abril de 1968.

REVISTA *Ser Notícias*. Bunge, ano I, n. 1, São Paulo, julho-agosto de 1996.

RETALHOS históricos de Campina Grande. In:
<http://www.cgretalhos.blogspot.com.br/2009/11/Sanbra.html#.VNng68E10wdU> Acesso em: 12 Fev. 2015.

SANBRA – *Sociedade Algodoeira do Nordeste do Brasil*. Livro com histórico da Sanbra, s/p, s/d. Documento consultado em setembro de 2014 no Centro de Memória Bunge, em São Paulo.

6.2 Outras referências

BAER, Werner. *A economia brasileira*. São Paulo: Nobel, 1996.

BARBERO, Maria Inês. *Historiografía y problemas de la historia de empresas*. In: BARBERO, Maria Inês. *Historia de empresas: aproximaciones historiográficas y problemas en debate*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1993.

BARBERO, Maria Inês.; ROCCHI, F. *Cultura, Sociedade, economia y nuevos sujetos de la historia: empresas y consumidores*. In: BRAGONI, B. *Microanálisis: ensayos de historiografía argentina*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2004.

BARBERO, Maria Inês. *La historia de empresas en la Argentina: trayectoria y temas em debate en las últimas dos décadas*. In: GELMAN, J. *La historia económica argentina en la encrucijada*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.

CHANDLER, Alfred Dupont. *Strategy and structure: chapters in the history of the industrial enterprise*. Cambridge: The MIT Press, 1962.

CHANDLER, Alfred Dupont. *The visible hand: the managerial revolution in American business*. Cambridge, MA: Belknap Press, 1977.

CHANDLER, Alfred Dupont. *Scale and scope: the dynamics of industrial capitalism*. Cambridge, Mass.: Belknap Press of Harvard University Press, 1990.

COLPAN, Asli M.; HIKINO, Takashi. *Foundations of business groups: towards an integrated framework*. In: COLPAN, Asli M; HIKINO, Takashi; LINCOLN, James R. *The Oxford Handbook of Business Groups*. University of Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 15-66.

COSTA COUTO, Ronaldo. *Matarazzo: A travessia*. São Paulo: Planeta, 2004.

COSTA COUTO, Ronaldo. *Matarazzo: Colosso brasileiro*. São Paulo: Planeta, 2004.

DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo*. São Paulo: Difel, 1971.

FREEMAN, C.; SOETE, L. *A Economia da inovação industrial*. Campinas. Ed. da UNICAMP, 2008.

FEIJÓ, Carmen Aparecida.; VALENTE, Elvio. *A firma na teoria econômica e como unidade de investigação estatística evolução nas conceituações*. *Revista de Economia Contemporânea*, Rio de Janeiro, 8(2): 351-376, jul./dez. 2004.

GLADE, W. *A América Latina e a economia internacional, 1870-1914*. In: BETHELL, L. *História da América Latina*, volume IV: de 1870 a 1930. São Paulo: EDUSP, 2009.

GREEN, Raúl; LAURENT, Catherine. *El poder de Bunge & Born*. 2.ed. Buenos Aires: Editorial Legasa, 1989. Edição original: *Bunge & Born*. *Puissance et secret dans l'agro-alimentaire*. Paris: Edition Publisud, 1985.

COLPAN, Asli M.; HIKINO, Takashi. *Foundations of business groups: towards an integrated framework*. In: COLPAN, Asli; HIKINO, Takashi; LINCOLN, James R. *The Oxford Handbook of Business Groups*. University of Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 15-66.

- GRANOVETTER, Mark. *Coase revisited: Business Groups in the modern economy*. *Industrial and Corporate Change*, 4/1, p. 93-130, 2005.
- GRANOVETTER, Mark. *Business Groups and social organization*, in N. Smelser and R. Swedberg (eds.). *The Handbook of Economic Sociology*. 2 ed. Princeton: Princeton University Press, 2005, p. 429-450.
- KHANNA, Tarun.; YAFEH, Y. *Business Groups in emerging markets: Paragons or Parasites?* *Journal of Economic Literature*, 45/2, p. 331-372, 2007.
- KIM, D.; KANDEMIR, D.; CAVUSGIL, S. Tamer. *The role of family conglomerates in emerging markets: what western companies should know*. *Thunderbird international business review*, v. 46, p. 13 – 38, jan/feb 2004.
- LEFF, N. H. *Industrial organization and entrepreneurship in the developing countries: teh economic groups*, *Economic Development and Cultural Change*, 26/4, p. 661-675, 1978.
- MORAIS, Fernando. *Chatô. O rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- OCDE. *Manual de Oslo: Diretrizes para a coleta e interpretação de dados sobre inovação*. 3 ed. Brasília: OCDE / FINEP, 2005.
- SCHUMPETER, Joseph. *Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico*. São Paulo: Abril, 1982.
- SCHVARZER, Jorge. *Bunge y Born. Crecimiento y diversificación de un grupo económico*. Buenos Aires: CISEA-GEL, 1989.
- SILVA, Gustavo Pereira da; DALLA COSTA, Armando João. *A Bunge e sua instalação no mercado brasileiro (1818-1905): as estratégias de um grupo econômico no capitalismo monopolista*. *História e-história*. Online. Vol. 1, p. 1-25, 2014.
- SINGER, Paul. “*O Brasil no contexto do capitalismo internacional: 1889-1930*”. In: FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III (4v.). O Brasil Republicano, 1º volume: Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- SUZIGAN, Wilson. *Indústria Brasileira: origem e desenvolvimento*. São Paulo: Ed. Hucitec/ Ed. Unicamp, 2000.
- TEECE, David; PISANO, Gary; SHUEN, A. *Dynamic capabilities and strategic management*. *Strategic Management Journal*, v. 18, n. 7, 1997.

XI Congresso Brasileiro
de História Econômica

14 a 16 de setembro de 2015 | Vitória/ES

12^a Conferência Internacional
de História de Empresas



ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE
PESQUISADORES
EM HISTÓRIA
ECONÔMICA



Departamento de Economia
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS

TONINELLI, P. A. *Business history as a field of research: the european perspective*.
In: Szmrecsanyi, Tamàs.; Maranhão, R. *História de empresas e desenvolvimento econômico*. São Paulo: Hucitec ; FAPESP, 1996.

VILLELA, Annibal villanova; SUZIGAN, Wilson. *Política do governo e crescimento da economia brasileira 1889-1945*. 2.ed. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1975.